



# Relato de Experiência

## IMPORTÂNCIA DO EXTRATIVISMO VEGETAL E ANIMAL NA GERAÇÃO DE RENDA PARA O RIBEIRINHO NO MÉDIO/BAIXO RIO ARAGUAIA NO CENTRO-NORTE DO TOCANTINS

**SANTANA**, Vitor Manuel Leite Santana<sup>1</sup>; **BRITO**, Eliseu Pereira de<sup>2</sup>

### Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo construir um levantamento bibliográfico sobre a questão dos povos extrativistas vegetais e animal, que incluem os povos tradicionais ribeirinhos, quebradeiras de coco e populações rurais camponesas. Trata-se de um acadêmico do primeiro período que teve neste estudo sua primeira experiência no levantamento de informações e estudo de forma organizada com um foco de estudo. Como metodologia de pesquisa, utilizamos da pesquisa bibliográfica, com levantamento de informações nas principais bases bibliográficas brasileira e aplicamos um levantamento no scielo utilizando a métricas de levantamentos. Feito os levantamentos, passamos a construir resenhas dos textos lidos e construir um referencial teórico sobre a temática proposta. Também utilizamos da metodologia de levantamentos de informações empíricas e de dados oficiais. Os resultados apontaram para um territorialização dos povos extrativistas no Bico do Papagaio.

**Palavras-chave:** ribeirinho, território, economia

---

<sup>1</sup> Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas. e-mail: [vitor.santana@ufnt.edu.br](mailto:vitor.santana@ufnt.edu.br)

<sup>2</sup> Professor Doutor do Curso de Geografia, Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), orientador da pesquisa. E-mail: [eliseu.brito@ufnt.edu.br](mailto:eliseu.brito@ufnt.edu.br)



## I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A pesquisa proposta neste plano foca-se em um estudo bibliográfico da importância dos ribeirinhos na dinâmica econômica ribeirinha da região Centro-Norte do Tocantins. Trata sobre a produção de comunidades ribeirinhas que vivem em área de domínios da floresta Amazônica, especificamente dos rios Araguaia e Tocantins. Os estudos foram no âmbito de revisão bibliográfica e de levantamento em dados oficiais como da Embrapa.

Apontamos no projeto inicial que faríamos pesquisa por levantamentos em fontes primárias, mas não foi possível fazer atividades de campo. Concentramos em atividades secundárias, com leituras em livros, trabalhos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), livros e artigos em periódicos. Em fontes como em sites oficiais e censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica Avançada (IPEA), em programa da FunBio e na Embrapa Cerrado/Amazônia.

## II. BASE TEÓRICA

Estabelecemos como leitura principal a bioeconomia e seu papel na geração de renda para comunidades tradicionais. Entendemos aqui esta à luz do Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, Art. 3º :

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007)

Neste sentido construímos diálogos com Brito e Shimazaki (2021) que estabeleceram uma leitura ribeirinha no que tange ao território e identidade. Este se reconhece como comunidade ou povos tradicionais ribeirinhos, foi uma base para foco da pesquisa e que atuamos para



compreender o papel da bioeconomia na geração de renda e estabelecendo como lastro do estudo o território simbólico em Bonnemaïson (2002).

### III. OBJETIVOS

Construir um mapeamento dos lugares ribeirinho no médio/baixo rio Araguaia para uma análise da diversidade da fauna e flora geradora de renda pelo extrativismo no Centro-Norte do Tocantins.

- Construir mapas por meio de imagens de satélites e de campo dos lugares ribeirinhos (vilas, acampamentos) no médio/baixo rio Araguaia;
- Construir quadros para descrição e organização dos lugares ribeirinhos e da diversidade da fauna e flora de uso (indireto) na economia ribeirinha;
- Aplicar técnicas de campo do Diagnóstico Rural Participativo - DRP: mapa de produção para construção do mapeamento do extrativismo vegetal e animal ribeirinho.
- Analisar a economia extrativista como geradora de renda e seu impacto na economia ribeirinha do Araguaia.

### IV. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica com seleção pré-estabelecida para exploração da base de pesquisa *Scielo*. Para o filtro dos artigos de afinidade temática foram utilizados os seguintes filtros: “ribeirinhos and definição de ribeirinho and bioeconomia”.

A pesquisa foi feita através da base de pesquisa *Scielo* com seleção do país: Brasil, Periódicos: *Scielo*, Idioma: Português e o Ano da Publicação: 2021, Áreas Temáticas:



Geografia, Índices de Citações: citável, Tipos de Leitura: Artigo. Foram selecionados 4 artigos de 32 resultados na base de pesquisa Scielo na qual esses 4 artigos tratam da questão ribeirinha.

Também participamos de uma oficina ministrada na UFNT sobre a busca de dados no portal SIDRA do IBGE. Na oficina foram explicadas e treinamos algumas buscas e coletas de dados através do localizador do SIDRA. De posse dos dados, produzimos gráficos como produtos de melhor análise para leitura dos processos.

## V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa estão organizados em pesquisa bibliográfica e de estudos feitos em dados oficiais. Para construção do estudo foi feita uma revisão bibliográfica com categorias que objetivamos que são os ribeirinhos e o extrativismo.

Para Brito (2023), o ribeirinho é definido como o sujeito que tem ligação direta com o rio.”[...] Os ribeirinhos, em sua maioria, formam comunidades rurais que constroem territorialidades e até expressões culturais como os artesanatos”. (Sampaio, 2021, p. 01).

Essas comunidades ribeirinhas têm uma forma ou são uma sociedade de ancestrais onde o homem e a natureza vivem em comunhão, vivem em seus territórios, ou seja, estão preservando suas identidades. Além de serem comunicativos em relação a história de seus povos, eles também sabem viver de seus meios de produção, vivendo da caça, da pesca e do extrativismo vegetal, mas, dependendo do rio, a conexão desses povos com conhecimentos e habilidades de sobrevivência de certa forma tem elo com os povos indígenas em suas construções de suas casas, o rio é usado como simbologia e representação.

Além de serem um conjunto de pessoas que vivem na beira de um rio, são conhecidos como comunidades por terem um estilo de vida intimamente ligado ao rio, com atividades como pesca, agricultura de subsistência e transporte fluvial desempenhando um papel fundamental em suas rotinas diárias. Além disso, as comunidades ribeirinhas muitas vezes mantêm uma



forte conexão com a natureza e possuem um profundo conhecimento sobre o ecossistema local.

Para Brito e Torres (2023), o ribeirinho é definido como o sujeito que tem ligação direta com o rio. As famílias nasceram e se criaram vivendo de caça e pesca entre outras atividades, podendo também tentar adaptar essas gerações aos seus costumes atuais como por exemplo, pescar na tarrafa, pescar na rede, saber as diferentes espécies de peixes a qual eles irão consumir no futuro, os tipos de embarcações. Outra questão que essa geração de ribeirinho precisa saber é vender em feiras seus alimentos que são capturados em redes ou em tarrafas. Portanto, o autor confirma que essas comunidades, de cada um trazem um conforto emocional para as gerações novas, para elas crescerem e saber fazer o que eles falaram e ensinaram, mas isso confirma que é só questão de tempo, até elas aprenderem a caçar é não deixarem essas tradições morrer (Melo, 2016).

Na colônia Z-1 que fica na cidade de Araguatins possui geleira, colônia Z-33 localizada em Xambioá não possui geleira, na colônia Z-19 localizado na cidade de Santa-Fé do Araguaia não possui geleira, colônia Z-21 localizado na cidade de Esperantina possui geleira, na colônia Z-18 localizado no Garimpinho que fica nas proximidades da cidade de Araguaína não possui geleira, na colônia Z-32 localizado na cidade de Araganã possui geleiras. Na quarta coluna vemos que tem algumas informações sobre as quantidades de pescadores de cada cidade onde aparece, Araguatins com 600(seiscentos) pescadores, Xambioá com 160(cento e sessenta) pescadores, Santa-Fé do Araguaia 180 com (cento e oitenta) pescadores, Esperantina 676 com (seiscentos e sessenta e seis) pescadores, Garimpinho(Araguaína) com 160(cento e sessenta) pescadores e Araganã 180 com (cento e oitenta) pescadores.

Na coluna que fala sobre os criatórios de peixes foram levantados dados de algumas cidades onde aparece Araguatins que não possui criatórios de peixes, logo em seguida vem a cidade de Xambioá que também não possui criatórios de peixes. A cidade de Santa Fé do Araguaia apresenta 15 criatórios, em seguida vem a cidade de Esperantina que contém 18 criatórios, Araguaína(Garimpinho) com 25 criatórios, e a cidade de Araganã que aparece com 30 criatórios de peixes.

## VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao longo desta pesquisa, pudemos observar a riqueza cultural e os desafios cotidianos, na relação características dessas comunidades com o ambiente natural. É fundamental reconhecer que as comunidades ribeirinhas desempenham um papel crucial na preservação ambiental e na utilização sustentável dos recursos naturais. Suas práticas tradicionais e conhecimentos de seus ancestrais representam um patrimônio inumerável, que merece ser protegido e valorizado. Além disso, ao longo desta pesquisa, ficou evidente a necessidade de políticas públicas e ações específicas que atendam às demandas dessas comunidades, garantindo acesso a serviços básicos de educação de qualidade e cuidados com a saúde da população tradicional. A publicidade do desenvolvimento sustentável nessas áreas deve ser pautada no respeito à identidade cultural e na participação ativa das próprias comunidades no processo de tomada de decisões que as afetam.

Dessa forma, a pesquisa contribui para a construção de um futuro mais justo, equitativo e sustentável para as comunidades ribeirinhas, onde o respeito à dignidade humana e ao meio ambiente seja uma prioridade inegociável. A intenção é que os resultados desta pesquisa inspirem novas práticas e iniciativas que fortaleçam o protagonismo das comunidades ribeirinhas em sua busca por um desenvolvimento verdadeiramente inclusivo e harmonioso. Ao encerrar este relatório, reforçamos nosso compromisso em promover o respeito, à inclusão social e o desenvolvimento sustentável das comunidades ribeirinhas, reconhecendo sua importância fundamental para a diversidade cultural e ambiental do rio Araguaia.

## VII. REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Jöel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132.

BRASIL. Congresso. Senado. **Decreto no 6040, de 07 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Decreto. Brasília, DF: Diário Oficial, 07 fev. 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 23 maio 2023.



BRITO, Eliseu Pereira de. Os ribeirinhos do rio Tocantins. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 10, n. 20, p. 108-132, 11 dez. 2023. Acesso em: 11 dez. 2024. Acesso em: 11 dez. 2023.

BRITO, Eliseu Pereira de; SHIMASAKI, M. M. . A pesca artesanal no baixo rio Araguaia em Araguatins, Tocantins, Brasil. **Revista Geografica de America Central**, v. 67, p. 221-241, 2021

CHAVES, Talita, Comunidades Ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016.

FERNANDES, Sampaio Comunidades tradicionais: a formação sócio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. **Revista katálysis**, v.24, n. 3, p. 532-541, set./dez. 2021. Acesso em: set. 2021

TORRES, Maurício A memória e a luta pela terra dos ribeirinhos do Alto Tapajós. **Revista Tempo Sociedade**, São Paulo, v. 35, p. 233-257, 28 fev. Acesso em: 28 fev. 2011. Acesso em: 28. fev. 2011

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília: MDA Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.

## VIII. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil